

PAREDE MÁGICA: SENSIBILIZANDO E ECOLOGIZANDO O AMBIENTE NO CONTEXTO ESCOLAR

Isabel Cristina Alves Marinho¹

RESUMO

Ações de vandalismo são a cada dia mais recorrentes nas cidades brasileiras. Um agrupamento de práticas agressivas contra o patrimônio físico, que desencadeia transtornos ao ambiente e danos de cunho sociocultural, educacional e financeiro. Prognostica-se que este quadro pode ser modificado através de ações educativas iniciadas ainda no ensino fundamental. Este trabalho pretende apresentar o “case” Parede Mágica, desenvolvido em uma escola pública de Salvador-Ba, projeto que desencadeou consequências visíveis e positivas para o lugar. Acredita-se que o melhor eixo temático em que o estudo se enquadra é Políticas e ações para manutenção e preservação da Bacia do Rio São Francisco, uma vez que objetiva-se apresentar a metodologia desenvolvida como sugestão para aplicação em estabelecimentos de ensino localizados em Penedo – Alagoas - e povoados próximos.

Palavras-chave: Educação socioambiental; afetividade; pertencimento; paisagem.

WALL MAGIC: RAISING AWARENESS AND ECOLOGIZANDO THE ENVIRONMENT IN SCHOOL CONTEXT

ABSTRACT

Vandalism actions are more and more recurrent in Brazilian cities. Those are aggressive practices against the physical assets, which triggers disorders to the environment and socio-cultural, educational and financial damages. There is a prognosis that with educational activities started in elementary school this situation can be changed. This work intends to present the "Magic Wall" case, developed in a public school at Salvador, Bahia. This project set off visible and positive consequences for the place. It is believed that the best thematic area to fit the study is Policies and Actions for Maintenance and Preservation of the São Francisco River Basin, since the goal is to present the methodology developed as a suggestion for use in educational institutions located in Penedo - Alagoas - and nearby villages.

Keywords: Environmental education; affection; belonging; landscape.

JEL: Q01

1 INTRODUÇÃO

Frente a crescente ocorrência de problemas ambientais, faz-se necessário e urgente um novo comportamento baseado em comprometimento e protagonismo, minimizando os impactos negativos à vida cotidiana na circunjunção e na

¹ Arte-educadora Ambiental/ Membro do Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio Ambiente – GPTURIS- UNIFACS/Mestre em Planejamento Ambiental – UCSAL/ Especialista em Gestão Social e Desenvolvimento Local – UFBA/Licenciatura em Artes Cênicas – UFBA. E-mail: isabelmarinho.2015@gmail.com



capacidade limitada de qualidade de vida no planeta. Nesta vivência apresenta-se a sistematização e análise de uma experiência empírica de Arte-Educação, que desencadeou uma curiosa mudança positiva e possível de ser replicada, em escolas públicas brasileiras, onde a maioria vive um contexto de dificuldades materiais, de relacionamento social e elevada degradação/deprecação ambiental.

“A possibilidade da autodestruição nunca mais desaparecerá da história da humanidade. Daqui para frente todas as gerações serão confrontadas com a tarefa de resolver este problema”
(SCHMIEDKOWARZIK, 1999, p. 6)

Este artigo visa fazer um estudo reflexivo acerca do sentido de pertença dos estudantes, colocando em evidência os diferentes significados que as ocorrências contra o ambiente escolar adquirem em contextos sociais diversos e as formas como se manifesta

Parede Mágica, intitula o “case” que apresenta um conjunto cognitivo validado por estudantes envolvendo os espaços dentro da escola: 1- Considera algumas características relacionadas ao despertar do cuidado com o patrimônio ambiental escolar; 2 - Identifica experiências – testadas - que revelam a construção de uma identidade de lugar; 3 - Exemplifica aspectos físicos que refletem negativamente no ambiente escolar e; 4 - Aponta direções criativas para que a escola exercite práticas baseadas na afetividade e no cuidado, com reflexos na qualidade das relações sociais, e no meio ambiente físico.

O desafio da humanidade é minimizar os impactos e manter o mundo que habita, dotando de aptidões a comunidade escolar, visando a sobrevivência e o desenvolvimento das gerações futuras. Trata-se de um dilema em começa a sobressaltar os indivíduos, impelindo-os a refletir alternativas que afiancem a preservação de seu entorno de forma universal.

A violência contra o patrimônio público, pode ser detectada e trabalhada na escola enquanto ambiente que educa para a vida cidadã. Entre os principais aspectos visíveis de rejeição ao espaço escolar, elencam-se: paredes manchadas; textos obscenos em cadeiras, mesas, corredores e banheiros; carteiras propositadamente quebradas; vidros estilhaçados; e, lixo em todos os espaços, menos nos baldes disponibilizados para este fim.

Diante deste quadro, a professora-pesquisadora, realizou atividades cênicas socioeducativas com temática ambiental local, que mobilizaram os 917 discentes no entorno de uma parede mágica, idealizando um processo de afetividade, formação crítica e participação protagônica à transformação societária digna e com qualidade de vida. Os resultados surpreendentes vêm confirmando as hipóteses de que confiança, afetividade e zelo destinados ao lugar, reforçam laços de apego, orgulho e valorização por parte do da classe estudantil. O comentário que mais se ouve hoje na comunidade “Minha escola é a melhor e a mais bonita do bairro”!

Uma vez detectado este impacto positivo - não planejado, - e fazendo a leitura das “entrelinhas”: chegou - se a conclusão de que estava ocorrendo um fenômeno que valia a pena ser estudado, formatado e posteriormente, replicado. É a contextualização do trabalho educativo na Escola Municipal Professora Alexandrina dos Santos Pita, palco do desenvolvimento metodológico, que é o objeto específico de descrição e análise. Onde será atribuída uma compreensão mais elaborada a articulada das questões ambientais locais e uma ideia de processo educativo relacionado à afetividade, formação crítica, e ao estímulo à participação, em vistas de uma transformação societária.

2 EDUCAÇÃO PARA A VIDA, SENSIBILIZANDO E ECOLOGIZANDO O AMBIENTE

Considera-se que a escola como promotora de educação ambiental efetiva, comprometida com um melhor futuro no planeta, é aquela que reconhece, exercita e desenvolve a criticidade, pertencimento, mobilização, protagonismo, afetividade, participação e cidadania.

O avanço dramático progressivo e inexorável do quadro de degradação ambiental vem mobilizando cientistas políticos e sociais, educadores, ambientalistas, filósofos, pesquisadores e estudiosos. Todos buscando obstinadamente, respostas para a reversão desta futura hecatombe que se configura num futuro não muito distante.

Torna-se fundamental o desenvolvimento de ações urgentes para disseminar a temática ambiental aliada a visão integrada do mundo, no tempo e no espaço, e, sobressaem-se as escolas, como espaços privilegiados na implementação destas atividades. O objetivo da educação ambiental é a sensibilização quanto as ações de preservação da natureza por indivíduos conhecedores de seu papel de

protagonistas de sua própria história e da sua comunidade, a partir da dimensão de ser social, com aspirações e ideais, considerando os obstáculos numa luta vital.

E nesse contexto, em que os sistemas sociais atuam na promoção da mudança ambiental, a educação assume posição de destaque para construir os fundamentos da sociedade sustentável, apresentando uma dupla função a essa transição societária: propiciar os processos de mudanças culturais em direção à instauração de uma ética ecológica e de mudanças sociais em direção ao empoderamento dos indivíduos, grupos e sociedades que se encontram em condições de vulnerabilidade em face dos desafios da contemporaneidade (BRASIL, 2005, p.18).

O processo de Educação Ambiental no universo escolar faz com que o território constitua o *lócus* da vivência, da experiência entre indivíduos sociais, este caminho para sensibilização cidadã, passa necessariamente pela afeto, participação e criticidade. Fatores interconectados e indissociáveis para fortalecer o sentido de pertença e conseqüentemente despertar mudanças de atitude para com o ambiente.

A **criticidade** destaca-se dentre as características inerentes ao processo de cidadania e o caráter emancipatório, contrastando com o modelo reducionista e arbitrário da sociedade capitalista, contrariando o cientificismo cartesiano, pelo distanciamento entre sociedade e natureza. Preconiza-se um ponto de vista diferencial apto a tecer a transformação da realidade pela práxis educativa, numa nova vivência educativa que reflete escolhas. Guimarães (2004, p. 30) reiterou que a contraposição a um modelo retrógrado e desmembrado de sociedade, pois:

A educação ambiental crítica objetiva promover ambientes educativos de mobilização desses processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para que possamos nestes ambientes superar as armadilhas paradigmáticas e propiciar um processo educativo, em que nesse exercício, estejamos, educandos e educadores, nos formando e contribuindo, pelo exercício de uma cidadania ativa, na transformação da grave crise socioambiental que vivenciamos todos (GUIMARÃES, 2004, p. 30).

É preciso inverter a lógica corrente, onde os trabalhos de educação ambiental são ações pontuais sem responsabilidade com sua função transformadora passando para um processo contínuo, em que a população imbuída da vontade consciente de atuar, se organize, buscando aprofundar o conhecimento de sua realidade e, a partir da leitura feita, reivindique ações pautadas em suas reais prioridades. Faz-se

indispensável aperfeiçoar e disseminar ações educativas que proporcionem a assimilação sistêmica que a situação invoca e estimular a participação popular, empenhada e consciente.

Na medida em que desenvolve a criticidade, o indivíduo trabalha sua humanidade, toma consciência de si mesmo e do mundo no qual vive. Pensar criticamente é se abrir para a existência de variáveis, é não aceitar as situações, fatos e sentimentos, como se fossem verdades absolutas. A educação tem o propósito de colocar o despertar o homem à cidadania. Esta característica é retratada por Milton Santos.

A Educação não tem como objetivo real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo (SANTOS, 1998, p. 126).

Pertencimento, a Educação Ambiental deve ter a participação popular estimulada e legitimada para que se reforce o sentimento de pertencimento no grupo, e este, não se revela apenas como condição crucial para a aprendizagem, mas também um elemento característico do conteúdo desta. Sorrentino (2005), revela cinco desafios que necessitam de urgente suplantação. Para o autor é fundamental que:

1. a comunidade (rural, urbana, da escola, do hospital, do bairro...) se reconheça na história, na realidade e no destino partilhados. Este reconhecimento pode contribuir para a recostura do tecido social, para a criação e/ou fortalecimento de espaços de convívio e/ou diálogo visando o enfrentamento da realidade distópica e também na busca das utopias coletivas;

2. haja uma capacitação local para produzir novos acordos (códigos sociais e de posturas) projetos, ações e negociações;

3. mapeiem-se os obstáculos objetivos, estruturais e políticos, conforme a transformação desejada para assim possibilitar a instrumentalização local para o enfrentamento;

4. o projeto de futuro oriente a construção do currículo da Educação Ambiental; ou seja o currículo mínimo é mesmo mínimo, o restante do currículo deve ser autogerido (negociado e acessado) dentro do contexto das necessidades de reflexões coletivas, como em qualquer comunidade que vê, julga e age sobre sua realidade;

5. percebam-se as relações desta comunidade com outras e com decisões tomadas fora de seu espaço (heteronomia), assim como sua influência sobre outros espaços (SORRENTINO e cols., 2005, p. 112).

A ausência do sentido de pertença e a depredação ao patrimônio escolar mantem entre si laços estreitos e trazem consequências nefastas para a vida social. Logo, diante da evidência de que a promoção da qualidade de vida está relacionada de forma indissociável ao processo de proteção dos ambientes naturais, a Educação Ambiental apresenta-se como uma grande ferramenta de atuação para através de ações articuladas, favorecer a autonomia dos sujeitos sociais envolvidos e, desta maneira, despertar e estimular o protagonismo cidadão na condução das mudanças esperadas. Sobre este aspecto Carvalho (2010, p. 17) de forma assertiva assim expressa:

Um dos grandes desafios contemporâneos para a gestão e a educação ambiental é a busca da negociação entre nativos e exóticos, local e global, sustentabilidade e conservação. Neste sentido, a contribuição de uma antropologia ecológica e simétrica pode ser oportuna para pensar as possibilidades de articulação entre a biodiversidade e a diversidade cultural. Por outro lado, uma análise de perspectiva antropológica pode abrir um espaço para a escuta de vozes locais e deixar emergir os modos como diferentes atores sociais recebem de fato a ação da gestão ambiental [...].

A autora continua acentuando outro aspecto que deve ser observado: Respeito à diversidade e capacidade de ouvir verdadeiramente às diferentes demandas de cada localidade, de cada grupo de indivíduos, portadores de interesses dispares, complexos e legítimos:

O não enfrentamento destes diferentes modos de vida, estilos e interesses na apropriação e gestão do ambiente como espaço de vida pode alimentar um discurso ecológico abstrato, vazio, cuja retórica se não encontra oposição evidente tampouco é capaz de engajar pessoas e mobilizar ações e interesses sociais (CARVALHO, 2010, p. 18).

Ainda abordando a importância do **protagonismo-participação**, Marcos Reigota (1998, p. 12) também reconhecendo como ponto fundante as preocupações em torno de ações que afetem a saúde do ambiente, defende a necessidade de uma força conjunta, uma operação envolvendo união e protagonismo coletivo - participação de todos interferindo planejadamente no meio em que vivem, conforme comentou:

A educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza... procurando incentivar o indivíduo a participar ativamente da resolução dos problemas no seu contexto de realidades específicas... pois os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão às soluções. Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãos e cidadãs.

A **cidadania**, compreendida como o encargo estabelecido pela comunidade escolar está baseada na edificação de um espaço pautado nas trocas solidárias, participativas e dialógicas, onde o saber seja construído apoiado nos saberes populares, culturais e científicos, com o envolvimento de todos os atores da comunidade. O incentivo à cidadania, ao diálogo na diversidade, participação popular, a afetividade relacionada ao ambiente, ao resgate de valores, são destinos a serem percorridos pela escola que se pretenda ambientalmente educadora.

E é neste ponto que surgem as perguntas: Como despertar o interesse para as questões ambientais? Qual o segredo para mobilizar comunidades carentes, a uma ação participativa em favor da qualidade de vida e do meio ambiente?

3 O ESPAÇO DA ETICA DA AFETIVIDADE E O “LUGAR” DE CADA UM

Neste tópico serão apresentados alguns conceitos e definições de “lugar”, bem como a essencialidade de aliar ao tema a “ética da afetividade”, para otimizar o processo ensino aprendizagem sobre o homem e o meio que ele habita.

Com o intuito de abordar o “lugar” numa visão mais acurada, é relevante apresentar antes, a definição de espaço dada por Milton Santos:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certos arranjos de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social (SANTOS, 2008, p. 28).

Quando se apropria do espaço natural e o transforma através do trabalho, o homem dá origem ao espaço geográfico. Lugar, é o pedacinho do espaço onde ele vive. O lugar aqui interpretado é o palco do existir humano, uma construção social, onde se experiencia à vida cotidiana, dotada de cooperações e conflitos relacionais. Na obra “A Região, Espaço Vivido”, Armand Frémont (1980), afirma que:

“O lugar aparece como elemento essencial da estrutura do espaço. Abrange um espaço reduzido, mas bem definido e não sem alguma extensão: a casa, o campo, a rua, a praça... Associa grupos de pequena dimensão mas de forte coerência: a mesma família, a mesma profissão, a mesma frequência quotidiana” (FRÉMONT, 1980, p. 116).

Para ampliar o estudo e análise do tema, e validar a **escola como um lugar** em que a comunidade do entorno se apropria e vai dando significado de acordo com o seu uso, verifica-se que Carlos (1996), também estabelece detalhamento tipificado de lugares: lugares para habitar; para trabalhar; para contemplar;

O lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas de um conjunto de sentidos e usos. Assim, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos que ocorrem ou ocorreram no mundo (CARLOS 1996, p. 22).

A relação estabelecida entre o indivíduo e o seu espaço de vivência, é designado por Tuan (1980) como “topofilia”, que representa o afeto entre a pessoa e o lugar. – *Topo* refere a *lugar* e *filia* a filiação, sentimento positivo. Para exemplificar, este vínculo afetivo, cita a intimidade física do pequeno agricultor com a sua terra: ele cuida dela, e ela garante seu alimento. A terra carrega consigo o passado e o futuro, a lembrança e a esperança. O lugar, é um ente único, em um movimento sincrônico *sui generis* formado por história e significado. E mais que um aspecto a ser explicado. O lugar compreende as aspirações e saberes acumulados, é o real das pessoas. Um indivíduo pode nutrir um elo com os lugares de maneira topofílica – positiva - ou topofóbica – negativa -. A “topofobia”, remete à aversão, tornando-se o lugar expressões da raiva, do medo, ou da repugnância. A proximidade desses termos é que o local demanda sentido de “afeição ou desprezo”, Yi-Fu Tuan (1980, p. 114).

A legitimação da relação de afetividade do indivíduo para com o espaço escolar baseia-se na vivência prático- educacional, que há algumas décadas vêm sendo aceita como possibilidade de trabalhar essas questões, e de tentar transformar as relações homem-natureza. A ligação do indivíduo com meio acontece em diferentes gradações, mas suas ações adquirem significados contundentes na realidade próxima. Os sujeitos vivenciam as ações e reflexões que procuram concretizar neste “espaço”, transformando-o em “lugar” de acordo com as suas necessidades.

Assim, o lugar está ligado à ideia de espaço vivido, concebido e percebido, e dessa forma entendido como uma parte do espaço onde vivemos em interação com o meio, fazendo com que dessa maneira, a nossa casa, a nossa rua, nossa escola, o bairro, sejam exemplos de lugares com os quais o aluno cria vínculos e/ou identidade. Além disso, o lugar pode ser local tanto coletivo quanto individual, já que o que é lugar para uma pessoa pode não ser um lugar para outra.

Pretende-se conectar o ensino da educação ambiental para a formação cidadã, a partir do estudo no/do espaço geográfico, ambos em constantes transformações. É no estabelecimento de ensino – um dos seus lugares - que a comunidade escolar poderá fazer de forma crítica suas análises e observações, desenvolver a ética da afetividade, o zelo, e a esperança, sempre de forma participativa, suscitando questionamentos e dialogando suas inquietações sobre temas diversos.

O filósofo e teólogo brasileiro Leonardo Boff (2001, p. 38), defende a tese de que para cuidar do ambiente, é preciso desenvolver uma ética da afetividade. É através do sentimento, do “cuidado”, que acontece o despertar para o zelo e a autopreservação, conforme ressaltou:

Tudo começa com o sentimento. É o sentimento que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta, que nos faz gostar ou desgostar. É o sentimento que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas. É o sentimento que produz encantamento face à grandeza dos céus, suscita veneração diante da complexidade da Mãe-Terra e alimenta enternecimento face à fragilidade de um recém-nascido. É o sentimento que torna pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo, repetimos, chama-se cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado em nós, deixa marcas indeléveis e permanece definitivamente.

Afetividade, sentido de comunidade e a relação com o lugar são compreendidos por meio da relação do homem com o meio. Isso mostra que a noção de lugar não é apenas a localização do espaço, e que o apego ao lugar é de relevante importância para o entendimento dos aspectos inter-relacionais: Entre a pessoa e o ambiente físico e social. Nas trocas que os indivíduos fazem com relação ao mesmo. Correa (2005, p. 15) afirmou que representam:

valores e significados especiais, para aqueles que nele vivem. É um espaço carregado de emotividade, no qual as relações sociais, as representações de universos singulares e as experiências se articulam, de forma a transformar meras localizações em sítios especiais, guardados com cuidado na memória.

Pensar o ambiente em suas inúmeras ações e inter-relações, é refletir no *lócus* de organização dos valores, saberes, essências e sentimentos da vida privada das pessoas. A afetividade é o sustentáculo que valida todos os processos de desenvolvimento, fortalecendo a conquista do elo perdido entre o homem e a natureza. Trabalhar a inteligência afetiva implica fortalecer um nível profundo de consciência com consequências éticas (CORREA, 2005, p.15).

3.1 Objetivo(s)

Em se tratando de processos vivenciais, há de constar que se tornam primordial pesquisar ou sistematizar métodos e dinâmicas que facilitem o processo de sensibilização da comunidade escolar, para que se auto perceba como ator social-protagonista na construção do ambiente em que está inserida. Com vistas à fomentação de políticas e ações para manutenção e preservação da Bacia do Rio São Francisco, este estudo tem por **objetivo geral** contextualizar práticas e expressões artísticas, com ênfase socioeducativa e ambiental na forma de pesquisa-ação, desenvolvidas na escola como *lócus* público de formação. Quanto aos **objetivos específicos**, pretende-se:

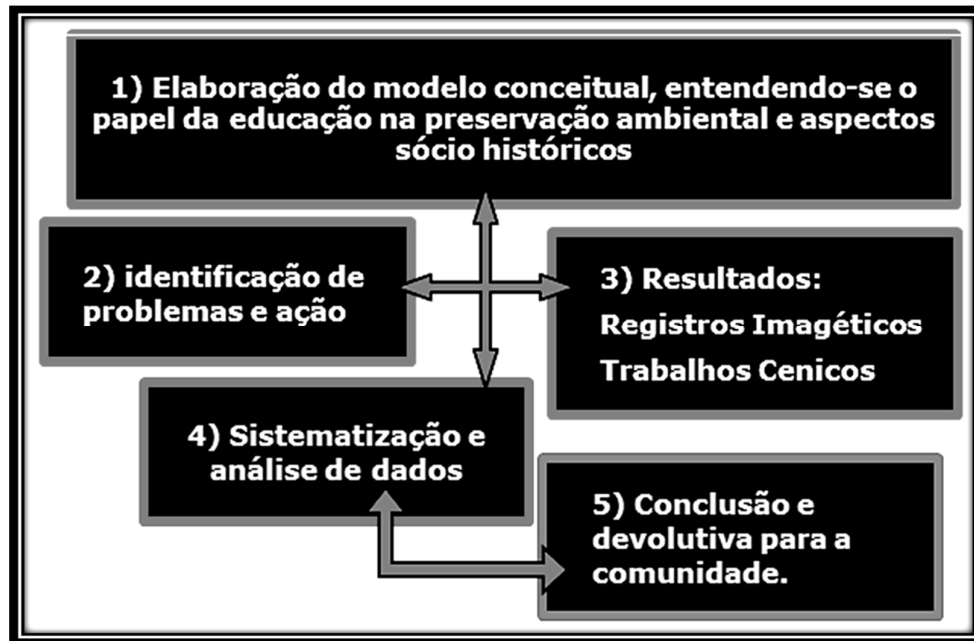
1. Contribuir para aumentar a efetivação do objetivo principal da educação ambiental, que é a conservação da natureza por indivíduos conscientes do seu papel como agentes transformadores da história do planeta.

2. Apresentar algumas práticas pedagógicas interdisciplinares para estimular atitudes de respeito e valorização ao patrimônio ambiental mobilizando a comunidade escolar.

3.2 Metodologia

A abordagem metodológica empregada foi a pesquisa-ação, que se distingue por ser um tipo de análise social com base empírica que é entendida e efetivada em associação com uma prática ou a solução de um problema social. Trata-se de um processo intencional e contínuo, em que se aprende pela participação e pela experiência. Portanto, a escolha desta metodologia se justifica por ser a que permite simultaneamente o “conhecimento” e a “ação”, sobre a realidade social investigada, além de ser a que melhor responde aos questionamentos propostos. (THIOLLENT,1985 p.1). A minimização das cicatrizes do vandalismo foi elaborada em conjunto por alunos, professores e alguns moradores da comunidade.

Figura 1 - Sistemática Metodológica da Pesquisa



Fonte: o Autor

4 CASE: A PAREDE MÁGICA²

4.1 Ambiente Investigado: o bairro de Pirajá e locus escolar em foco.

Pirajá, um dos bairros mais antigos da capital baiana, localiza-se na periferia de Salvador. Seu surgimento se deu a partir de uma importante base açucareira no

² Estudo espacial iniciado durante o mestrado da pesquisadora.

século XVI: O engenho pertencente à freguesia de São Bartolomeu conhecido como engenho do El - rei (MATTOS, 1998, p. 129), e das primeiras missões jesuítas que aportaram na Bahia. Terra antigamente habitada pelos índios tupinambás, o distrito Pirajá tem importância relevante na história da brasileira. Existem dois significados históricos para o nome Pirajá: No Nordeste, “para+já” significa aguaceiro repentino e curto, acompanhado de ventania. - fenômeno natural, frequente na costa da Bahia e nos outros estados próximos.

Na língua Tupi "pira-ya" ou viveiros de peixes, e significa também, braço do rio ou mar estreito que adentra a terra. Antiga terra dos índios Tupinambás, em 1972, passou a Parque Histórico por decreto municipal, garantindo a preservação do Patrimônio Histórico ligado à guerra da Independência. Conhecido também como o bairro em que foi travada a famosa “BATALHA DE PIRAJÁ”, principal combate pela independência em que os baianos venceram as forças do colonialismo português, lideradas pelo general Pedro Labatut, em 1823 (ANGELIM, 1999, p. 6). Durante o período escravocrata, foi utilizado como local de refúgios dos escravos fugitivos, abrigando diversos quilombos que eram perseguidos e destruídos pelos portugueses.

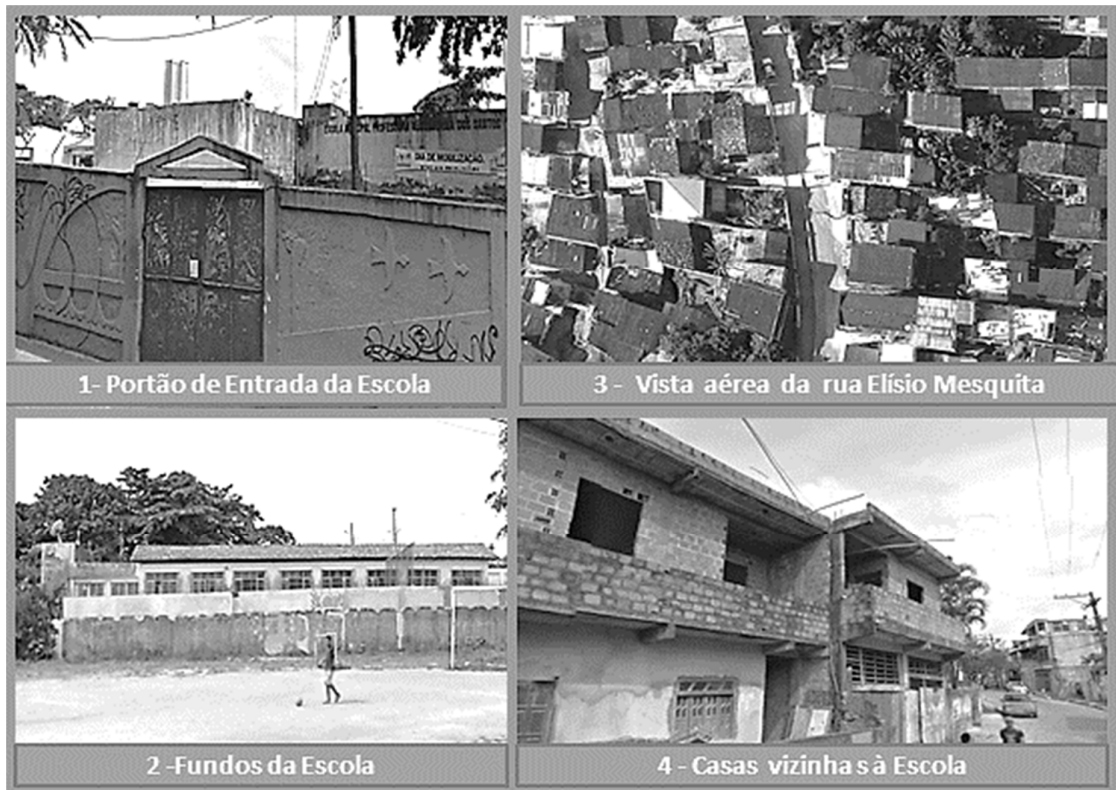
A imprensa destacava o bairro por sua localização privilegiada: acesso ao centro da cidade em 20 minutos e à proximidade com a Baía de Todos os Santos, não muito distante da orla marítima, e, pelo seu importante acervo histórico: A igrejinha construída em 17 de abril de 1638, de estilo jesuítico, com uma torre e sino único; as duas imagens que compunham o altar: Senhor Morto e da Nossa Senhora da Piedade de Pirajá ambas do século XVIII; o Pantheon, monumento erigido em homenagem aos bravos de Pirajá, na Batalha de 8 de novembro de 1823; O túmulo em pedra de mármore com os restos mortais do general Pedro Labatut; e, mais, o busto deste herói, confeccionado em bronze (BRITO, 1972, p. 10) Para quem pretende conhecer a história de Salvador e do Brasil, Pirajá é referência obrigatória. O bairro que foi palco para estes acontecimentos carrega em sua origem a memória patriótica e libertadora, que não ocorreu sem muita luta e derramamento de sangue (CERTEAU, 1994, p. 177).

Após 209 anos da peleja sangrenta, os moradores atuais, costumam afirmar que “A Batalha de Pirajá nunca acabou. Ao longo dos anos, repetidamente, o bairro patrimonial – histórico e cultural - do país, foi lembrado e esquecido pelas

autoridades políticas, teve suas esperanças alimentadas e reprimidas. Hoje, o bairro traduz a ideia clássica de periferia, é perceptível a engrenagem de segregação e exclusão, que se revelam em: moradias insuficientes e de má qualidade, ausência de infraestrutura básica e transporte coletivo deficiente. Pirajá sofre também com os elevados índices de criminalidade, sendo considerado um dos bairros mais violentos do subúrbio.

A comunidade onde está instalada a escola Alexandrina dos Santos Pita, retratada neste estudo, é conhecida como Pirajá Velha, e, enfrenta sérios problemas socioambientais, que vão de violência doméstica, abusos sexuais, má distribuição nas redes de água, luz e esgoto, deficiências em áreas de lazer, ausência de locais para descarte e coleta seletiva do lixo, desemprego, fome, drogas, grande incidência de doenças sexualmente transmissíveis, verminoses dentre outros.

Figura 2 - Imagens dos arredores da Escola Alexandrina dos Santos Pita



Fonte: Google Maps, 2012.

4.2 Teatrando e transformando o ambiente.

Processo de concepção, ensaios e apresentações - cenário de lixo.

Quando em 2006 a recém-concursada professora de teatro Isabel Marinho, chega à escola pública municipal Alexandrina dos Santos Pita, para assumir seu cargo como professora de Artes Cênicas, sua primeira impressão não é das melhores. Encontra um ambiente feio, devastado, corredores formados por paredes sujas, manchadas inclusive com marcas de sapatos, riscadas e com vários textos obscenos.

Um cheiro ardido de urina emana dos banheiros e espalha-se pela área utilizada como refeitório. Enquanto aguarda – sentada em uma cadeira com parte da madeira do encosto quebrado -, observa ainda durante o recreio, que a brincadeira recorrente entre as crianças se constituía em um bizarro círculo vicioso: correr, gritar, bater umas nas outras e voltar a correr gritando e batendo. O mobiliário em frente a cantina era composto em grande parte por carteiras escolares danificadas e armários em condições precárias de uso.

Preparava-se para ir embora, quando foi avisada que a diretora da escola havia chegado, e a aguardava, em sua sala. A recepção da gestora e da vice-diretora do turno matutino para com a educadora novata foi muito calorosa. Deram-lhe boas-vindas e enfatizaram a importância do teatro em uma comunidade desprovida de lazer e arte. Neste primeiro diálogo, foram formuladas as perguntas básicas, e as respostas aos questionamentos, não foram nada satisfatórias: Onde ficava a sala de teatro? Não existe! Quais os materiais disponíveis para as atividades? Não existem! Em que local acontecerão as apresentações? Não existe. Existe aparelho de som portátil para utilização nas aulas? Sim, mas está quebrado!

Para maior compreensão dos espaços, será apresentada uma descrição detalhada (ver figura 03):

a) A área externa “2” delimitada na cor verde, é considerada “segura” por toda a comunidade escolar. Abarca a porta de entrada e a frente da escola, - é neste espaço que fica o único segurança – passa pelo estacionamento, e se estende até a sala de artes.

b) A faixa na cor amarela marca a passagem para a área externa “1”, situada na parte detrás da escola. Segundo professores, alunos e funcionários é a

área considerada “perigosa” – delineada na cor vermelha – porque alguns jovens e adultos não alunos pulam, ou fazem buracos no muro e entram para usar drogas ilícitas e praticar sexo. Deste pátio fazem parte uma quadra de esportes, que é usada pelo professor de educação física no turno matutino e uma área de matagal, que inibe a aproximação de todos. Interessante ressaltar que na medida em que a noite se aproxima este espaço já restrito, vai ficando cada vez mais desaconselhável aos alunos da escola. Neste período nem mesmo os professores de educação física se aventam a frequentar a área. Por outro lado, é justamente quando a tarde cai que aumenta a o fluxo de jovens e adultos não alunos. Chegam com bebidas, aparelho de som, bolas e times inteiros para “curtir todas” e “bater o baba”.

c) A linha branca delimita o espaço edificado. São três blocos distribuídos da seguinte forma: Um deles abriga cozinha refeitório e toaletes masculinos e femininos, o bloco seguinte, tem dois pisos e ampara as salas de aulas, sala dos professores, diretoria e coordenação. Eles se conectam através de espaços de circulação e corredores.

d) E, finalmente o terceiro bloco – isolado -, é a sala de artes!

Figura 3 - Descrição espacial da Escola Pública Municipal Alexandrina dos Santos Pita



Fonte: Google Maps, 2012.

O cômodo afastado da edificação principal é um local inóspito, que mais se assemelha a uma caixa de tijolos com cobogós de cimento e coberta por telhas cerâmicas. Sem ventilação adequada é depósito de muita fuligem lançadas pelos ônibus e caminhões que transitam ao lado, com uma única porta de acesso, era uma sala muito engraçada não tinha janelas, não tinha nada, ninguém podia fazer xixi, porque toalete não tinha ali, ninguém podia tomar água não, por que não tinha sequer um bebedouro naquele galpão. Vale salientar que para acessar esta sala - por se localizar separada do prédio principal, - os frequentadores precisam enfrentar as intempéries da natureza.

Para ministrar as aulas de teatro, é direcionada para a única área livre (livre?). Uma sala utilizada como deposito de sucata e outros materiais danificados: carteiras, mesas, arquivos e estantes quebrados, pedaços de grades, pneus...Na figura 04 e possível verificar a situação encontrada. A primeira encenação teve sua estreia em agosto de 2006, nesta mesma sala - onde foram ministradas as aulas - uma clareira foi aberta no meio do entulho, que foi absorvido pelo espetáculo, passando a fazer parte do cenário. O trabalho, como fruto de criação coletiva, resultou num produto extraordinário. As apresentações, sempre lotadas, aconteceram nos três turnos e em curta temporada.

Figura 4 - Sala de Artes e de sucata, em 2006



Fonte: o autor

Já nos primeiros contatos com o fazer artístico teatral e em especial no processo de improvisação, foram constatando que aqueles materiais eram recursos extraordinários para suas necessidades, e uma fonte inesgotável de ideias e criação. Para utilizar os materiais recicláveis, foi aplicada uma série de exercícios teatrais objetivando num primeiro passo, compartilhar com os alunos a percepção de que estes materiais não eram lixo. E em seguida, buscar despertar um olhar diferenciado, curioso, atento e sério para estes recursos. Utilizaram a reciclagem em todas as etapas da construção: inicialmente, como material de apoio, mais adiante na confecção de cenários, de figurinos e na maioria dos adereços. A dramaturgia proposta, parte do exercício aberto do fazer em cena, uma dinâmica do trabalho criativo que vai sendo elaborado e investigado a partir dos jogos cênicos de improvisação.

Segundo Craft,

É a criatividade que capacita uma pessoa a identificar o problema de forma apropriada e a solucioná-lo. É a criatividade que identifica possibilidades e oportunidades que não foram percebidas por outros. (CRAFT 2006, p.20)

Parte do entulho que estava na sala foi transformado em cenário. Coberto com tecidos azuis forneceu volume e profundidade, para representar as “ondas do mar”, outra parte foi aproveitada para fazer um camarim improvisado. Como solução e orientação cênica, alguns atores se se mantiveram escondidos entre a sucata e os tecidos, muito antes de a plateia entrar. Desta forma, no meio do espetáculo, quando menos se esperava, surgiam por entre os volumes, personagens marinhos e criaturas do folclore brasileiro. Foram integrados: **produção, apreciação e reflexão nos exercícios e jogos teatrais. E ainda deu-se utilidade para o lixo.**

O período chuvoso e a sala cheia de goteiras exigiram um novo espaço para apresentação. A professora então instala a cenografia na parede da entrada principal da escola. Fazia parte da instalação: forração do fundo com tecidos de cor clara, móveis com adereços decorativos, flores e bichinhos de pelúcia. Após a última sessão as 20 horas é aconselhada pela direção a retirar todos os objetos decorativos sob risco de ser vandalizado ou roubado. Ações tão corriqueiras que já eram vistas com normalidade.

Mesmo sabendo que só estaria de volta à escola três dias depois, ela resolve arriscar e mantém todos os itens (vale ressaltar que não foi motivada pelo altruísmo, mas pelo cansaço decorrente das apresentações que se deram nos três turnos). Para surpresa geral, os alunos deram uma resposta admirável e completamente inesperada: O trabalho ficou intacto durante todo o período em que ficou exposto. Os estudantes paravam em grupos, admiravam, tocavam os objetos, comentavam, tiravam fotos com os celulares, elogiavam.

Foi surpreendente porque as áreas laterais continuaram sendo riscadas, as colunas de concreto tiveram suas quinas quebradas, o chão continuava recebendo lixo na hora do recreio. Mas inexplicavelmente, a parede decorada com tecidos e objetos e papéis continuava intacta - exceção de dois coelhinhos de pelúcia, que foram furtados -.

Figura 5 - Espetáculo Trupimenta - Alunos Teatro - em 2007



Fonte: o Autor

Joseline, aluna de sete anos, disse que era uma “Parede Mágica”. Conclui-se ser um nome bastante apropriado, porque a parede tinha a capacidade mágica de repelir o lixo, a violência, o dano. Qual a lição deste resultado? Que ações positivas, de valorização – até mesmo sem a utilização de palavras - resultam em atitudes

positivas e em respostas afetivas. Os alunos deram um show de valorização, cuidado e reconhecimento.

A professora ficou interessada no fenômeno, estimulada, fez dezenas de novos painéis ao longo dos últimos nove anos, utilizando os recursos disponíveis, e contando com a participação entusiasmada dos alunos, ampliado quase que imediatamente com o engajamento da equipe gestora e professores, e por último, com o envolvimento de muitos parentes e amigos vizinhos da escola. Este acordo “tácito” de cooperação, é renovado todos os anos com os novos e os velhos atores.

A PAREDE MÁGICA percorreu outros espaços da escola, sempre transformando plasticamente e reformando cenicamente a paisagem. Deixando um trilho de cuidado estético e apreço para com os frequentadores. As pichações e outras ações de vandalismo diminuíram sensivelmente. Acredita-se que e o espaço da ética da afetividade, gerando o “lugar” de cada um.

Não existem fórmulas prontas e mágicas para o desenvolvimento de práticas educativas relacionadas à temática ambiental. Será a partir de reflexões cuidadosas e escolhas conscientes, dentre diferentes possibilidades de avaliações sistemáticas e inovações criativas, que novas perspectivas poderão ser traçadas.

Figura 6 - Parede Mágica: Instalação Natal, em 2009



Fonte: o autor

5 DISCUSSÃO

A matriz para reflexão do dinamismo que faz com que o território se constitua no lócus da vivência, da experiência do indivíduo com seu entorno com os outros homens, passa pela criticidade, pertencimento, mobilização, protagonismo, afetividade, e participação tendo a identidade como fator de aglutinação para a ação coletiva.

No momento em que os sujeitos de uma dada realidade se dão conta que o ambiente pode ser modificado por eles, para aumentar o próprio bem estar, surge o cuidado, a afetividade, a apropriação, responsabilidade e elevação do sentido de pertença, ficam estimulados a concretizar ações neste espaço, transformando-o de acordo com as suas necessidades.

Quando uma parede decorada com objetos tridimensionais, forrada de papel é instalada por alunos e professores, em uma escola totalmente vandalizada, e ela permanece intacta por semanas, desperta espanto e a vontade de estudar este fenômeno. Ela se torna uma Parede Mágica, com poderes especiais de repelir o dano, o lixo e a agressividade. Um ponto de partida para uma experiência maior.

E se toda a área escolar fosse criativamente repensada? Será que os atos de vandalismo diminuiriam? É importante verificar que é no ambiente que o ser se humaniza, vive, sente, apreende, transmite saberes, constrói e ressignifica sentimentos. O apego e zelo ao lugar, depende da forma que os indivíduos interagem afetiva e geograficamente, assim como a força das relações estabelecidas (TUAN 1980, p. 68).

A afetividade é o sustentáculo que valida todos os processos de desenvolvimento, fortalecendo a conquista do elo perdido entre o homem e a natureza. Trabalhar a inteligência afetiva implica fortalecer um nível profundo de consciência com consequências éticas (CORREA, 2005, p.15). Para a autor, as trocas que os indivíduos fazem com relação ao meio, representam:

valores e significados especiais, para aqueles que nele vivem. É um espaço carregado de emotividade, no qual as relações sociais, as representações de universos singulares e as experiências se articulam, de forma a transformar meras localizações em sítios especiais, guardados com cuidado na memória. (CORRÊA, 2005 p.15).

As condutas de incivilidade social estão retratadas na forma autodestrutiva com que o homem vem se relacionando com a natureza. Detectou-se que a falta de identificação e consequente zelo, são as respostas para estes questionamentos. Sem referências individualizadas, estes espaços são frios e impessoais. As cores normalmente em tons pastéis, a ausência total de plantas aumenta esta sensação de lugar sem vida. Não despertam afetividade, não revelam sentido de acolhimento.

Os sentimentos de Ser e Pertencer devem ser estimulados e reconhecidos como processos de fundamental importância para que os indivíduos possam desenvolver plenamente suas potencialidades e agregar conhecimentos que permitam sua efetiva e afetiva participação nas decisões que afetam o desenvolvimento de seu ambiente.

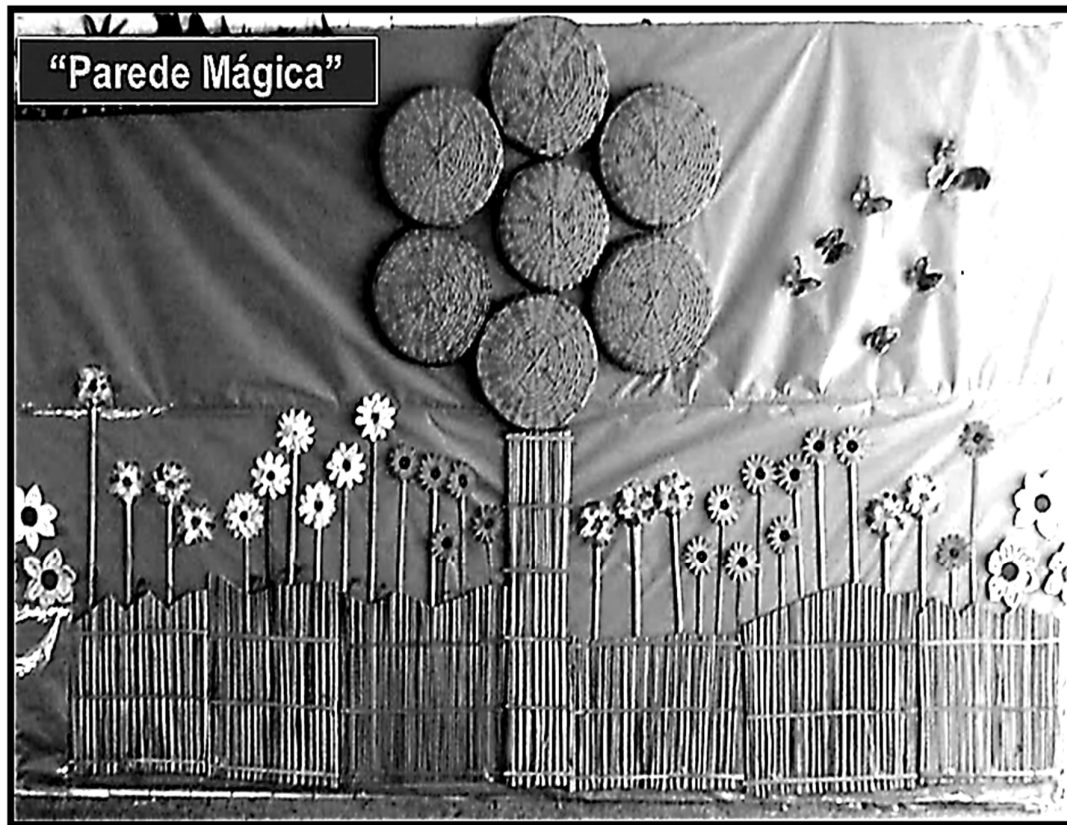
6 RESULTADOS PARCIAIS

Os resultados vêm confirmando as hipóteses de que tanto o cuidado ambiental, como a experiência de apego ao lugar ocorrem em contextos de características específicas, que podem ser despertados, estimulados e replicados. Entre outros aspectos, elencam-se os mais perceptíveis:

- Recuperação contínua na fisionomia e preservação dos recintos escolares;
- Apropriação e consequente valorização da propriedade coletiva;
- Maior zelo pelo mobiliário e demais objetos da escola;
- Iniciativas dos alunos em atitudes de cooperação, valores, liderança e mobilização para o embelezamento e cuidado com o ambiente estudantil.

Muito embora o ponto de partida deste trabalho tenha sido entre os muros da escola, não se pretendeu apresentar prática pedagógica unicamente restrita ao ambiente escolar. A unidade de ensino neste caso é a base articuladora de - experimentações e práticas - um movimento que se pretende “regar” no entorno.

Figura 7 - Parede Mágica Primavera Reciclada – Ano 2008



Fonte: o autor

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sentimentos nutridos pelo sujeito podem ser positivos ou negativos. Aproximando a projeção afetiva do ambiente escolar, revelam-se dados interessantes para esta pesquisa: Quando o indivíduo gosta da escola, quando ele percebe que o espaço foi cuidadosamente elaborado para seu bem-estar, quando ele detecta a satisfação de suas demandas, quando ele é convidado a interagir, pensar, descrever e criar e recriar o seu espaço, ele – o próprio ator - é validado. Porque é ouvido, respeitado e incentivado.

O aluno vê sentido no que aprende ali, e a instituição escolar pode virar alvo de projeções afetivas positivas, tornando-se para ele um valor. Por outro lado, quando se percebe em um ambiente hostil, descuidado, afetivamente insípido, desumanizado, e ainda, se vê humilhado, e desrespeitado, ele projeta neste espaço,

sentimentos negativos. Nesse caso, por ser (para ele), um ambiente desagradável, desqualificado, ele pode ser deprezado, pichado, ignorado (CARVALHO 2010)³.

Os recursos artísticos utilizados em teatro, destacando-se a cenografia, apresentam importância flagrante na alteração da paisagem escolar: uma reclamação recorrente especialmente partindo das meninas, era relacionada a precariedade dos sanitários. A sujeira, o mau cheiro, além da ausência de espelhos dentro do espaço comum no box e no lavabo eram problemas difíceis de encarar e dificultavam as trocas de figurinos e realização das maquiagens, para as apresentações artísticas.

O problema nos toaletes que implicava não somente uma questão de limpeza, mas também de qualidade do ambiente escolar, foi um dos primeiros problemas que o grupo decidiu eliminar. Após algumas discussões, foram percebidos os limites e possibilidades para a intervenção. A parte hidráulica com defeitos foi solicitada resolução junto à direção da escola.

A ausência de espelhos foi elucidada em conjunto professora e alunos – sempre com o apoio da direção – fizeram um bazar de roupas, sapatos e acessórios. O recurso adquirido, foi empregado na compra de 8 espelhos retangulares de preço bem popular. Ai entrou a cenografia: Todas as peças foram decoradas. Nas molduras foram aplicados detalhes em renda de algodão e bichinhos em 3D.

Sobre este aspecto da pesquisa, Freire (1997, p. 27) afirmou:

“Constatar a realidade nos torna capazes de intervir nela, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptarmos a ela”.

³ Um caso emblemático se deu na cidade do Rio de Janeiro quando os vagões de trem e as estações deixaram de ser deprezados após serem remodeladas e decoradas

Figura 8 - Parede Mágica transbordando no lugar público. Lavabo - Antes e depois de intervenções - Ano 2012



Fonte: o Autor

Acredita-se que este estudo, melhor se enquadrou no tema - *Políticas e ações para manutenção e preservação da Bacia do Rio São Francisco*, uma vez que objetivou-se a apresentar uma experiência desenvolvida com êxito, como sugestão para aplicação em estabelecimentos públicos de ensino, localizados em Penedo – Alagoas - e povoados adjacentes, o artigo analisa como um fenômeno social de cuidado, pertencimento e afetividade, culminou em uma escola pública da periferia de Salvador, modificando práticas de arte-educação, aumentando o interesse e a qualidade relacional entre a comunidade escolar e o meio ambiente.

Seus resultados confirmaram as hipóteses de que tanto o cuidado ambiental, como a experiência de apego ao lugar ocorrem em contextos de características específicas, que podem ser estimuladas, despertadas e replicadas. E que o apego ao lugar é condição *sine qua non* de cuidado com o ambiente.

Finaliza-se este ensaio com a convicção de que a chave que abre as portas para uma possibilidade de futuro saudável no mundo é obrigatoriamente a educação.

A emergente necessidade da Educação Ambiental surge quando se constata sua função de vital importância para despertar a humanidade do falso sonho de que

o mundo é uma fonte de inesgotáveis recursos naturais. O case Parede Mágica se revelou um contributo eficaz neste processo, ao elevar a autoestima e a noção de pertencimento, despertando na classe estudantil, a consciência, para o seu papel como agente transformador da sua realidade e da história do planeta.

Figura 9 - Parede Mágica – plantas envasadas - Ano 2013



Fonte: o Autor

REFERÊNCIAS

ANGELIM, L. História não melhora a situação de Pirajá. **A Tarde**, Salvador, 24 abr, p. 6, 1999,

BRASIL. **Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA**. Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental. 3ª edição. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.p.18

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BRITO, R. Pirajá: um grande potencial turístico inexplorado. **A Tarde**, Salvador, 6 jul. 1972, p. 10.

CARLOS, A F. A **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

CARVALHO, I. C. M.; TONIOL, R. **Ambientalização, cultura e educação: diálogos, traduções e inteligibilidades possíveis desde um estudo antropológico da educação ambiental** - Mesa redonda. **ANPED Sul:** Londrina, p.17-18, 2010.

CERTEAU, M. de. **A inversão do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994. 177 p.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I.; CORRÊA, R. L.; GOMES, P. C. da C. (Org.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 15-47, 2005.

CRAFT, A. **Creativity across the primary curriculum: Framing and developing practice.** London: Routledge, 2000.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação;** uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Ed. 3. São Paulo: Moraes, 1980. 26 p.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Coleção leitura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 27

_____. **Pedagogia da indignação.** São Paulo: Editora UNESP, 2000 p. 66-67.

FRÉMONT, A. **À região, espaço vivido.** Coimbra: Livraria Almadina, 1980.

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental Crítica.** In: LAYRARGUES, P. P. (Coord.). Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília, 2004. p.30

JACOBI, P. **Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo** - Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005 <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a07v31n2.pdf> - acesso em 23/08/2015

MATTOS, W. Pirajá. In: FORMIGILI, A. L. M. (Org.). **Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura.** Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998. 128 p.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 1998. 12 p.

SANTOS, M. **Técnica Espaço Tempo.** Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **O espaço do cidadão.** 4 ed. São Paulo: Nobel, 1998.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** 6 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4^oed. São Paulo: Edusp, 2003.

SCHMIED-KOWARZIK, W. **O Futuro Ecológico como Tarefa da Filosofia.** São Paulo: IPF (Cadernos de ecopedagogia 4). Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São Francisco do Sul. Relatórios 2007. 6 p.

SORRENTINO, M. De Tbilisi a Thessaloniki: a educação ambiental no Brasil. In: QUINTAS, J. S. (Org.). **Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente.** Brasília: Ibama, v. 3, p.17-112. 2000. (Coleção Meio Ambiente - Série Educação Ambiental)

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** Ed. 14. São Paulo: Cortez, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Geografia Humanista.** In: CRISTOFOLETI, Antonio. (org.) **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: DIFEL 1982.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.